

A CIDADE SOU EU¹

Rosane Azevedo de Araujo

RESUMO

É incontestável que, para expressar nossa realidade, não podemos mais recorrer ao conceito de cidade tal como historicamente entendida. Parece evidente que o processo de explosão semântica e conceitual da idéia de cidade é correlato ao processo de descentralização e fragmentação da noção de “Eu”, de “ser” urbano.

Dadas as enormes transformações em todos os campos, associadas às facilitações geradas pelas técnicas, num ambiente planetário que funciona em rede, para definirmos a cidade, devemos definir o que seja a Pessoa. Sob a perspectiva topológica, os lugares constituídos se confundem com as pessoas. Quando pensados mediante sua qualidade de rede de interações, os lugares se deslocam com o deslocamento das pessoas.

A cidade que cada um é é co-extensiva a seu modo urbano de inserção no mundo. A idéia é: contemporaneamente, *qualquer* cidadão, *qualquer* Pessoa, pode dizer *A Cidade Sou Eu*.

1 INTRODUÇÃO

A “cidade” extrapolou o espaço físico-geográfico, tornou-se abrangente e passou a ser definida a partir de diferentes parâmetros, tais como finanças, capacidade informacional e de conexão planetária, nós e redes, densidade demográfica, grau de virtualização, experiência sensorial, etc. Cidade é o modo de ocupação do mundo, por isso podemos falar em cidade informacional, cidade global, ecstacity, cidade líquida, cidade digital, cidade de bits, etc. Do mesmo modo, já existe um entendimento no campo do urbanismo de que o modo de ocupação do mundo é urbano. Assim sendo, cidade é o modo urbano de habitar, de ocupar o planeta, e vários autores mostram esta generalização do modo urbano de vida, a ponto de sugerir que não se refira mais ao termo cidade e sim, o urbano². O modo urbano de habitar é o modo contemporâneo, com ou sem cidade geográfica ao lado, e o que temos

¹ Este texto retoma raciocínios retirados da tese de doutorado vencedora do prêmio CAPES de Tese 2008: *A Cidade sou eu? – o urbanismo do século XXI*, defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil.

² Para Octavio Ianni, por exemplo, a partir da universalização do capitalismo, no final do século XX, “verifica-se uma simultânea generalização do modo urbano de vida, da sociabilidade urbana, de padrões e valores culturais urbanos, (...) invadindo meios rurais, modos de vida agrários. (...) O mundo agrário se altera, modifica, dilui” (IANNI, 1997: 80). Duas décadas antes, Henri Lefebvre sustentava a hipótese da *urbanização completa da sociedade* (LEFEBVRE [1970]: 15), na qual a sociedade urbana é a sociedade pós-industrial, uma sociedade planetária, “que resulta da urbanização completa, hoje virtual, amanhã real” (LEFEBVRE [1970]: 15). O urbano, na definição de Lefebvre, é “*cumulativo* de todos os conteúdos, seres da natureza, resultados da indústria, técnicas e riquezas, obras da cultura, aí compreendidas maneiras de viver, situações, modulações ou rupturas do cotidiano” (LEFEBVRE [1970]: 112). Neste mesmo trabalho, ele propõe que não se diga mais “a cidade” e sim, *o urbano* (LEFEBVRE [1970]: 50).

são focos urbanos mais ou menos densos. Dentro deste raciocínio, podemos afirmar que contemporaneamente, não existe um modo de vida “fora” do modo urbano.

O mundo passou por uma transformação no séc. XX que demonstrou não apenas a ineficácia de qualquer vontade de verdade ou fundamento, como também, e sobretudo, o aspecto ‘fluido’, ‘líquido’, comunicacional, não-linear, artificial do conhecimento e do mundo por ele transformado. Os efeitos no campo do urbanismo são palpáveis.

A postura teórica e política deixa de ser o *planejar*, a partir de objetivos que incluem exigências (funções, densidade, gabarito) e meios prévios de atingi-los, lançando-se ao *como lidar* com situações aqui e agora para as quais não há parâmetros confiáveis para além de sua reelaboração permanente.

É sintomático que autores como François Ascher assimilem ao urbanismo as referências trazidas pelas ciências da complexidade, com suas noções de indeterminação e imprevisibilidade, e pela cibernética, com a idéia de *feedback* (ASCHER, 2001). É sintomático que autores como William Mitchell, Manuel Castells ou Saskia Sassen abordem o problema da cidade a partir das tecnologias digitais, do espaço dos fluxos, dos mercados eletrônicos e dos “centros” transterritoriais constituídos via telemática. É, por fim, sintomático que essas e outras concepções contemporâneas de cidade sejam unânimes em constatar a relatividade das noções de centralidade (política, administrativa, financeira, territorial) e sua impostação geográfica; de organização (política, administrativa, financeira, territorial) e sua funcionalidade vertical; de planejamento e sua implementação causal *a priori*. Em seu lugar, optam por análises que levam em conta a incerteza, o risco, a imprevisibilidade, a indeterminação, e a multiplicidade em um mundo globalizado. A postura torna-se reflexiva, no sentido de incluir a revisão constante das práticas sociais à luz das informações que concernem essas próprias práticas, num exame permanente das escolhas possíveis, reexaminado-as em função do que se começa a produzir³.

No cerne dos estudos que cruzam cidade, arquitetura, meio-ambiente, sociedade e tecnologia reside um questionamento do que seja artificialidade como construção e natureza como coisa dada; do que seja sociedade e cultura como produção humana e mundo físico ao qual, sem se confundir com ele, o homem se integra e transforma. Vários autores contemporâneos já diagnosticaram que não há, com efeito, distinção de natureza entre o dado e o construído, o espontâneo e o industrial, o natural e o cultural⁴. Interessa

³ Um pequeno exemplo desta situação, é a notícia que lemos em 28 de setembro de 2007: “Nova Zelândia usa wiki para criação de lei pelo cidadão” ou “Wiki da polícia permite que você escreva a lei” – onde o departamento de polícia da Nova Zelândia, para criar uma nova lei de polícia que substituirá a lei existente que data de 1958, está utilizando como um de seus expedientes para elaborar a lei, a ferramenta wiki, onde os cidadãos podem editar partes do projeto de lei sugerido ou incluir um totalmente novo -. Para o encarregado de criar a nova lei, o superintendente de polícia do país, Hamish McCardle, isto talvez seja a extrema democracia. (Esta ferramenta “wiki” lembra a wikipedia, onde, em tese, as pessoas podem editar, via Internet, textos diversos, que ficam registrados e são acrescidos ou modificados por qualquer outra pessoa. Esta mídia é facilmente editada pelos usuários, com ferramentas de linkagem, inserção de conteúdo multimídia, sendo que a resultante é um texto completo sobre determinado assunto, que, antes de ficar *on line*, passa por uma fiscalização e aprovação dos resultados)

Ver texto original em <http://futuro.vc/2007/09/28/nova-zelandia-usa-wiki-para-criacao-de-lei-pelos-cidadaos> ou <http://www.stuff.co.nz/4215797a10.html>

⁴ Este entendimento já foi explicitado por vários autores: Na obra *Modernização reflexiva*, Ulrich Beck, Anthony Giddens e Scott Lash, em uníssono, afirmam que o que é ‘natural’ está tão intrinsecamente confundido com o que é ‘social’ que os seres humanos não sabem mais o que é ‘natureza’ e que “nada mais pode ser afirmado como tal” (BECK, Ulrich, GIDDENS, Anthony e LASH, Scott. *Modernização reflexiva*. São Paulo: Editora UNESP, 1995, p. 8). Segundo Manuel Castells, estamos num estágio em que, após termos suplantado a natureza a ponto de nos obrigar a preservá-la artificialmente como uma forma cultural, a cultura passa a referir-se sobretudo à própria cultura (CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*, op. cit., p. 505). A idéia de ‘artifício espontâneo’ e ‘artifício industrial’, proposta pelo teórico e psicanalista MD Magno, é outro testemunho do abandono da oposição entre o que é ‘natural’ e ‘artificial’, em prol de uma visão topológica e

aqui destacar o aspecto articulatório que constitui qualquer artefato do mundo, seja ele recortado como um dado físico, biológico, cultural ou tecnológico. Lidamos com *formações*⁵, isto é, sistemas de informação (universo, vida, sociedade, ecossistemas, etc.) que se expressam com linguagem própria, mas que podem ser transcritos um no outro, desde que tenhamos as ferramentas cognitivas adequadas. Formação é um termo genérico para nomear tudo o que há. As *formações* variam enormemente em termos de composição, estrutura, comportamento e função, e exigem protocolos distintos de abordagem e manipulação; as formações resistem mais ou menos à transformação e ao acoplamento com outras; mas guardam uma conectividade e tradutibilidade de base que, em última instância, restam exclusivamente na dependência de haver conhecimento compatível para realizar a conexão e a transformação de um arranjo informacional qualquer em outro.

2 A RELAÇÃO PESSOA – CIDADE

A cidade, o mundo ou qualquer espaço, só interessa para nós e, só teremos conhecimento, enquanto habitável por pessoas. Tudo que está aí (civilização, etc.) é subproduto da existência desta espécie. Deste modo, a partir do que posso descrever a existência dessa cidade, desse pensamento urbano? A partir da pessoa. A pessoa é produtora e consumidora do urbano, e o urbano é aquilo que constitui o conjunto de formações dessa pessoa. Neste raciocínio, não há possibilidade de separação entre pessoa e cidade, porque fazem parte de um mesmo processo – o modo urbano de vida.

Dadas as transformações tecnológicas que atualmente nos permitem comunicar, interagir, escolher, trabalhar, estar presentes em tempo real e à distância, criando “um campo contínuo de presença” (MITCHELL *apud* CASTELLS, 2004: 11), somos multiplicados. Quando uma pessoa se desloca, “carrega” suas conexões, seus recursos, suas competências, deslocam-se, portanto, suas articulações.

O entendimento do que seja Eu foi relativizado e ampliado e, segundo a teoria da Nova Psicanálise, este conceito não porta distinção entre sujeito e objeto, é um pólo com foco e franja, resultante da conjunção de formações que se articulam. Portanto, Eu ou Pessoa é composto de tudo e todos que integram, interagem, têm significação, interferem, pressionam, afetam, dos lugares que marcaram, da geografia que frequenta, dos gostos e prazeres específicos, das repulsas, das tragédias e dramas encenados pela sua vida, das facilidades tecnológicas, das dificuldades e facilidades financeiras, das (in)competências, da idéias, da corporeidade que porta - com todas as significações aí entendidas, e tudo o mais que possamos incluir para definirmos o que compõe a vida em rede de uma Pessoa. Por tudo isso, cada Pessoa é única, e sempre será a resultante aqui e agora de todos os seus recursos, fatores e características da sua história.

O que quer que compareça como extensão, como ligação com determinada Pessoa é prótese (dessa) Pessoa⁶. Deste modo, são próteses as roupas, o avião, os aparelhos, as ruas e bairros, as idéias, as construções, um texto, um pensamento, as aglomerações urbanas, a galáxia, etc., tudo isto é protético. Essas próteses podem ser espontâneas – naturais –, ou industriais⁷. O que quer que exista extensivo ao corpo de uma Pessoa é prótese (dessa) Pessoa. A idéia de corpo ganha outra dimensão, pois não se restringe a uma anatomia que

homogeneizante dos fatos do mundo como *artifício*. Sobre este tema, ver ARAUJO, Rosane. *O urbanismo em estado fluido* in *A Cidade pelo avesso*, 2006. Viana & Mosley. Org. Rachel C. M. da Silva

⁵ Estamos utilizando um conceito da Nova Psicanálise, criada por MD Magno. Para maiores informações sobre esta teoria, vide as Referências bibliográficas.

⁶ Sobre este tema e as articulações relacionadas e ele e desenvolvidas nos próximos parágrafos, ver MAGNO, MD. *Economia Fundamental. Metamorfoses da Pulsão*.

⁷ Aqui segue-se o mesmo raciocínio de artifício espontâneo e industrial, esclarecido na nota 4.

está dentro da pele. O corpo, neste caso, abrange desde os componentes que garantem a sobrevivência através das trocas fisiológicas mais diretas, como, por exemplo, o oxigênio da atmosfera, passando por tudo o que tenhamos contato direto ou indireto, consciente ou inconsciente. Pessoa incorpora (faz corpo) tudo aquilo a que se vincula e a que é vinculada, por isto está sempre em processo.

Vários elementos físicos e geográficos participam da constituição de uma Pessoa, ou mesmo diferentes culturas podem participar ativamente da estruturação de uma Pessoa. Deste modo, como Pessoa, constituímos e somos constituídos por esta rede que inclui lugares da cidade geográfica em que residimos, e toda a geografia ou território que produzem alguma significação na nossa história.

Qualquer manifestação ou conhecimento de determinada Pessoa estará submetido aos entendimentos e visões decorrentes da rede que ela é. Na linha deste mesmo raciocínio podemos perguntar, por exemplo: Existe mundo sem *Eu*? Antes de *Eu* existir e após a minha morte cadê o mundo? Claro que posso conjecturar que tudo já estava aí e certamente permanecerá após o meu perecimento, mas que experiência tive ou terei disso? “Aliás, são os outros que morrem”⁸ – no que *descompareço, acabo*, não posso nem mesmo ter a experiência de morte. Do mesmo modo, toda a civilização, big bang, urbanização do planeta, evolução da espécie, etc., que se deu antes do meu nascimento e que me constitui enquanto DNA, memória celular, lugar na evolução civilizatória, “me foi dado pronto”, inteiro, de uma única vez – quando me foi dada existência. O mundo, incluindo aí tudo, passado, presente e futuro, existe para quem está vivo, presente.

A cidade de que falamos acolhe todas as emergências da formação humana, inclusive e sobretudo as tecnológicas, que, secretadas por essa formação, parecem ameaçar-lhe a existência, mas que, por outro lado, podem prover-lhe saltos qualitativos mentais inauditos. Ela acolhe todas as informações, do quântico ao digital (e sua promissora conexão), do mecânico ao analógico, com todas as potencialidades do *habitar* que aí se encerram (no triplo sentido de encerrar: que estão contidas, que vão acabar e que vão surgir). Acolhe todas as composições e recomposições culturais que estão acontecendo no seio do território da cidade. Ela, enfim, é *Eu* como *rede de formações*, computáveis, conjeturáveis, mesmo que inabordáveis (aqui e agora).

Ora, afirmar *A cidade sou eu* é integrar definitivamente ao urbanismo os efeitos da mentalidade topológica. As transformações emergentes – no repertório já conhecido das tecnologias da comunicação e informação, da radical relativização dos parâmetros de mobilidade, comunicação e vizinhança, com o colapso das fronteiras tradicionais – já fazem a cidade funcionar em regime de atectonia. É o estado atual da rede de formações no mundo que está constituindo *Eu* como lugar.

2.1 A cidade sou eu: pólo, foco, franja

Queremos reafirmar que, como pólo, foco e franja, o espaço em que se move *Eu = Pessoa* – de onde partimos para afirmar *A cidade sou eu* – é o espaço constituído por todas as formações acessáveis aqui e agora, configurando e desconfigurando o espaço e o tempo (passado, presente, futuro). Assim, as imagens do planeta Marte, ou da galáxia mais longínqua de que se tem notícia, que os satélites acessam são *minhas* imagens e *me* configuram como rede conectada ao Universo. As experiências com células-tronco e sua incrível capacidade plástica e indiferenciante são *minhas* experiências: a plasticidade e a indiferenciação *me são* como qualidades. Mas também o espaço tecnológico que inclui

⁸ “D’ailleurs, ce sont les autres qui meurent”. Epitáfio de Marcel Duchamp.

essa informação e que por causa dela se transformou, constituem a rede em que me movimento e que me é.

A malha ou rede de formações que constituem *Eu = Pessoa* exige um modo de abordagem que, preservando sua dinâmica de integração e transformação, permita igualmente procedimentos de distinção, diferenciação e separação. É nesse sentido que trabalhamos com a idéia de foco e franja, ou de zona focal e zona franjal, constituídas sobre pólos de organização dessa rede⁹.

Do ponto de vista das formações de qualquer ordem em jogo numa determinada situação, há uma zona focal e uma grande zona franjal, num espaço-tempo, num conjunto que é infinito para todos os lados. Toda focalização está integrada numa região franjal praticamente impossível de ser determinada, e isso vale para o espaço aqui e agora, para o tempo passado, presente e futuro. Não há condições de juízo, recorte ou operação que não sejam a partir de uma zona focal, o que, contudo, não elimina – ao contrário, o exige como constitutivo da própria dinâmica da rede – a interferência da zona franjal.

Em termos de cidade, a situação não é diferente. Desta vez, é McLuhan que nos esclarece. Para ele, o que distingue o sistema ferroviário de um complexo elétrico é que o primeiro necessita de estações, trilhos e grandes centros urbanos, enquanto o segundo, porque descentraliza, permite a qualquer lugar ser um centro, e prescindir de grandes aglomerações (MCLUHAN, 2000). Ou seja, consoante com a rede de formações que constitui a cidade que *Eu sou*, a dinâmica entre os pólos de organização de minhas referências também se modifica. McLuhan via na eletricidade um enorme poder de implosão dos cinturões impostos pelo mundo mecanizado dos tijolos de fábricas e casas geometricamente consideradas, apostando na expansão da franja por via eletrônica.

Ele estava com razão. Afinal, é possível viver recluso nas montanhas ou numa ilha, e de qualquer desses lugares acessar, em tempo real, informações via satélite, com internet, telefone celular ou tv, numa relação qualitativa e quantitativa bastante diferente da de um habitante de centro urbano que não dispõe de tais recursos. Do mesmo modo, posso habitar uma grande metrópole e desgostar da idéia de usar carro para resolver as necessidades cotidianas (ir à padaria, por exemplo), pois minhas formações que mapeiam distâncias e os gostos que lhes estão associados incluem velhos hábitos adquiridos na infância passada no “interior”, onde se fazia tudo a pé.

Quaisquer que sejam os exemplos, o raciocínio que está em jogo é a operação de separação e eventualmente exclusão que a zona focal implica, pois é impossível não operarmos focalmente, o que significa, numa dada circunstância, excluir da zona focal assim constituída todo o resto. Mas, a cada vez, na lembrança de que a atenção flutuante para o que permanece inacessível aqui e agora (zona franjal) e a operação *ad hoc* que recorta situações concretas (zona focal) não são mutuamente excludentes. Se é fato que o foco de uma situação nos dá (impressão de haver) condições de juízos específicos, em que operamos por condensação, diferenciação e até exclusão, não podemos deixar de incluir as ramificações ou a rede de que o foco é apenas um efeito localizado e imediatamente relativizável, uma vez re-inserido no escopo maior da rede como conjunto foco-franja. Computamos, então, na idéia da cidade que *Eu sou*, seus efeitos locais e reconhecíveis aqui e agora por focalização, mas não dispensamos a dispersividade de (in)formações que não acessamos e que, nem por isso, são menos atuantes na determinação do *design* dessa cidade.

⁹ A idéia de zona focal e zona franjal encontra-se em MAGNO, 2003: 420-423.

3 A CIDADE SOU EU

Os critérios a serem utilizados na avaliação do que seja “cidade”, ficam cada vez mais dependentes da pessoa enquanto interação, localização, acesso e funcionalidade dos recursos de que se serve ao habitar. A inutilidade de separar o conceito de pessoa e o de cidade advém justamente da co-extensão entre o que se é, o que se tem, o que se acessa e do que se dispõe. Portanto, qualquer cidade poderá ser analisada a partir da Pessoa em questão.

Dadas as enormes transformações em todos os campos, associadas às facilitações geradas pelas técnicas, num ambiente planetário que funciona em rede, para definirmos a cidade, devemos definir o que seja a Pessoa. Sob a perspectiva topológica, os lugares constituídos se confundem com as pessoas. Quando pensados mediante sua qualidade de rede de interações, os lugares se deslocam com o deslocamento das pessoas. Por exemplo, onde fica a sede do governo americano? Ela está onde o presidente dos Estados Unidos, com sua rede política, estiver. Quando ele (pessoa física e jurídica) se desloca, o centro de poder se desloca com ele, todas as conexões de poder se deslocam junto. Isto se aplica, em diferentes escalas, a qualquer pessoa. Outro bom exemplo desta situação, dado por Manuel Castells, é o teletrabalho móvel como modelo de trabalho que está se instalando. Esse modelo considera o trabalhador como nômade, que executa seu trabalho através de contato com o escritório, via telefone celular, internet, fax, enquanto está em viagem, em visita a clientes ou em seu percurso corriqueiro, estabelecendo, assim, o conceito do “escritório em movimento” (CASTELLS, 2003: 192). É o escritório (considerado um lugar, espaço físico localizável geograficamente) que se movimenta com o deslocamento do trabalhador. Isto abre a perspectiva de que podemos pensar que, contemporaneamente, *os lugares podem se deslocar com os deslocamentos das pessoas*.

Assim, quando pensamos no processo de expansão do corpo e da mente humanos mediante a tecnologia, fica mais fácil conceber que a cidade como rede é pertinente à rede que uma pessoa é. Com a “explosão de máquinas portáteis, que fornecem comunicação ubíqua sem fio e capacidade computacional”, pessoas, organizações e espaços interagem em qualquer lugar ou tempo, “enquanto simultaneamente dependem de infra-estrutura de suporte que gerencie os recursos materiais em uma rede de distribuição de informações” (CASTELLS, 2004: 6). Ao mesmo tempo, com a nanotecnologia e a convergência entre microeletrônica e processos e materiais biológicos, “as fronteiras entre vida humana e vida maquínica ficam borradas, de tal modo que as redes estendem sua interação, do eu interior [= *inner self*] ao conjunto da atividade humana, transcendendo barreiras de tempo e espaço” (CASTELLS, 2004: 6).

Se a tecnologia testemunha a extensão e a interação de redes que constituem o tecido urbano em suas diversidade, borrando a fronteira entre o humano, o maquínico e digital, *A cidade sou eu* significa que a rede de formações constitutivas de uma singularidade (= Eu) constitui a cidade que se é. Somos as conexões atuais e virtuais que nos configuram como múltiplos espaços e tempos habitados. Da mesma maneira que o tecido e o espaço urbanos são retalhados pela justaposição de valores e experiências díspares de seus atores sociais, somos resultado de vinculações que, de modo mais ou menos intenso, nos conformam como a cidade que somos.

Não há distância alguma entre a cidade “que habito” e a cidade “que sou”. A cidade que cada um é, é co-extensiva a seu modo urbano de inserção no mundo. Se a vida, a sociabilidade e a cultura urbanas se generalizaram, alterando, mediante tecnologias cada vez mais intangíveis, os diversos ambientes e práticas sociais, podemos dizer que a “cidade” expandida encontrou a “pessoa” que se supunha habitá-la, revelando que, na verdade, habitar é ser. Em outras palavras, a cidade de cimento, concreto e tijolo que se

liquefez mediante as tecnologias/espacos de fluxos/etc., encontrou a pessoa, antes contida na cidade e que foi transformada pelo mesmo processo de liquefação.

Os lugares, antes geométricos de competência euclidiana, tornaram-se lugares topológicos, exigindo, a cada vez e a cada *situs*, consideração e análise apropriadas, pois não há (mais) distinção entre a rede que a Pessoa é e o espaço forjado à medida das formações e transformações que o compõem sintomaticamente. Habitar é constituir a cada momento, como secreção sintomática, a rede que constitui a Pessoa, fazendo o espaço coincidir com a materialidade sintomática que o qualifica e quantifica.

Aplicando o conceito de $Eu = Pessoa$ tal como trazido pela Nova Psicanálise, não há distância que permita circunscrever separadamente Eu e Cidade. Não existe uma cidade *a priori*, externa a nós, na qual nos inserimos. De maneira semelhante, não estamos fora de uma cidade que consideramos enquanto tal. Ao contrário, o pólo que me constitui, com sua focalização e sua extensão franjal, coincide parcialmente com a cidade.

Trata-se de considerar *cidade* e *eu* como as *duas* faces do único modo de vida possível, segundo o vetor predominante, contemporâneo: o modo de vida urbano. *Cidade* e *eu* compõem o percurso uniface de uma cinta de Moebius, no qual desaparecem as diferenças entre o conceito de espaço que se habita e o conceito de espaço que se é, pois somos a cidade que resulta do conjunto infinito de conexões disponíveis, aqui e agora identificáveis e manipuláveis.

A cidade sou eu reside no fato de a sociedade em rede constituir-nos como seres urbanos sem alternativa de acesso a um “fora” que nos permitisse, por oposição, que nos situássemos em relação ao não-urbano.

A cidade sou eu reside no fato de a convergência cidade-tecnologia-sociedade ter tornado indiscerníveis a informação e seu meio de acesso, o entorno social-ambiental e seus recursos de conexão e comunicação, sem acesso a um “fora” que possibilitasse ver separados o *habitat* e o habitante.

Há que se pensar a cidade a partir desta perspectiva, colocada não como um plano determinado que me é exterior, no qual devo pedir licença para entrar, seguindo regras criadas por outrem nos contextos de suas cidades específicas. Trata-se de uma transformação no modo de considerar a própria cidade geográfica, a partir da qual a estrutura material que nos rodeia deve considerar a cidade que cada um é.

Mas isso só não basta. $Eu = Pessoa$ é a definição da cidade porque não há mais distância entre quem habita o lugar (o homem), o lugar (a cidade) e as maneiras de habitá-lo (as relações de poder e as técnicas disponíveis). A cidade se configura de acordo com a rede que sou e, a cada mudança desta rede, muda a cidade que, de retorno, também me transforma. Só posso dar testemunho e enunciar enquanto me configuro dentro do próprio processo, enquanto sou o processo.

Nosso entendimento é que, como o conceito de cidade, de urbano, de civilização saiu dos lugares geométricos e geográficos, é preciso definir a Pessoa para definir a (sua) cidade. Portanto, *qualquer* cidadão, *qualquer* pessoa pode dizer *A Cidade Sou Eu*.

4 REFERÊNCIAS

Araujo, R. (2001) **A Cidade Contemporânea e As Novas Tecnologias**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PROURB, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Araujo, R. (2007) **A Cidade Sou eu? O Urbanismo do século XXI**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: PROURB, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Ascher, F. (1998) **Metápolis: acerca do futuro da cidade**. Celta Editora, Oeiras. Trad.: Álvaro Domingues

_____. (2000) **Événements nos Dépassent, Feignons d'en être les Organisateurs; essai sur la société contemporaine**. La Tour d'Aigues: L'Aube.

_____. (2001) **Les nouveaux principes de l'urbanisme: la fin des villes n'est pas à l'ordre du jour**. L'Aube, Paris.

Castells, M. (1995) **La Ciudad Informacional; tecnologías de la información, reestructuración económica y el proceso urbano-regional**. Alianza Editorial, Madrid. Trad.: Raúl Quintana Muñoz .

_____. (1999a.) **A Sociedade em Rede. In A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura – vol. I**. Paz e Terra, São Paulo. Trad.: Roneide Venancio Majer.

_____. (1999b) **O Poder da Identidade. In A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura – vol. II**. Paz e Terra, São Paulo. Trad.: Klaus Brandini Gerhardt.

_____. (1999c) **Fim de Milênio. In A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura – vol. III**. Paz e Terra, São Paulo. Trad.: Klaus Brandini Gerhardt.

_____. (2003) **A galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro.

Castells, M. (ed.) (2004) **The network society: a cross-cultural perspective**. Cheltenham, Mass.: Edward Elgar Publishing Ltd.

Coates, N. (2003) **Guide to ECSTACITY**. Princeton Architectural Press, New York.

Debord, G. (1997) **A Sociedade do Espetáculo; comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Contraponto, Rio de Janeiro. Trad.: Estela dos Santos Abreu.

Freud, S. (1987) **O Inconsciente**. S.E. Vol. XIV Imago, . Rio de Janeiro.

Giddens, A., Beck, U., Lash, S. (1995) **Modernização Reflexiva**. Editora UNESP, São Paulo.

Hobsbawm, E. (1995) **Era dos Extremos; O breve século xx (1914-1991)**. Companhia das Letras, São Paulo. Trad.: Marcos Santarrita

IANNI, Octavio. [1996] *A era do globalismo*. 2^a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

Kerckove, D. de. (1997) **A pele da cultura: uma investigação sobre a nova realidade eletrônica**. Relógio d'Água, Lisboa. Trad.: Luís Soares e Catarina Carvalho.

_____. (2000) **The Architecture of Intelligence**. Basileá: Birkhäuser – Publishers for Architecture.



Koolhaas, R. (2002) In **“Qué há sido del urbanismo?”**. *Oeste: cultivos urbanos. Revista de Arquitectura, Urbanismo, Arte y Pensamiento Contemporaneos*, nº 15.

LEFEBVRE , Henri. (2004) **A Revolução Urbana**. UFMG, Belo Horizonte.

Lepetit, B. (2001) **Por uma nova história urbana**. Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo.

Lévy, P. (1987) **La machine univers: création, cognition et culture informatique**. Ed. de la Découverte, Paris.

_____. (1993) **As tecnologias da inteligência; o futuro do pensamento na era da informática**. Trad.: Carlos Irineu da Costa Editora 34, . Rio de Janeiro.

_____. (1996) **O que é o virtual?**. Ed. 34, São Paulo.

_____. (1999) **Cibercultura**. Ed. 34 São Paulo.

_____. (2003) **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 4ª ed. Loyola, São Paulo:.

Magno, MD (2003) **Revirão 2000/2001: “Arte da Fuga” e “Clínica da Razão Prática”**. NovaMente Editora, Rio de Janeiro.

_____. (2004) **A Psicanálise, Novamente: um Pensamento para o Século II da Era Freudiana**. NovaMente Editora, Rio de Janeiro.

_____. (2005) **Psicanálise: Arreligião**. NovaMente Editora, Rio de Janeiro.

_____. (2007) **Clavis Universalis: da cura em psicanálise ou revisão da clínica**. NovaMente Editora, Rio de Janeiro.

_____. (2008) **AmaZonas: A Psicanálise de A a Z**. NovaMente Editora, Rio de Janeiro.

_____. (2010) **Economia Fundamental. Metamorfoses da Pulsão**. NovaMente Editora, Rio de Janeiro.

_____.(2010) **A Rebelião dos Anjos: eleutéria e exousía**. NovaMente Editora, Rio de Janeiro.

Mazlish, B. (1993) **The Fourth discontinuity. The co-evolution of humans and machines**: Yale University Press, . New Haven and London.

McLuhan, M. (2003) **Os meios de comunicação como extensão do homem**. 13ª ed. Editora Pensamento-Cultrix, São Paulo.

_____. (2000) **O meio são as massa-gens**. 2ª ed. Record, Rio de Janeiro.

Mitchell, W.J. (2001) *e-topía* “**vida urbana, Jim, pero no la que nosotros conocemos**”. Gustavo Gili, Barcelona.

_____. (1995) **City of bits: space, place and the infobahn**. MIT Press, Cambridge.

MORIN, Edgar. (2006) *Introdução ao pensamento complexo*. Sulina, Porto Alegre.

Munford, L. (1991) **A cidade na História; suas origens, transformações e perspectivas**. 3ª ed. Martins Fontes, São Paulo. Trad.: Neil R. da Silva.

Sassen, S. (1998) **As cidades na economia mundial**. Trad.: Carlos Eugênio Marcondes de Moura. Studio Nobel, São Paulo.

Silva, R. Org. (2006) **A Cidade pelo Avesso**. Viana & Mosley, Rio de Janeiro.

Solà-Morales, I. (2002) **Territórios**. Gustavo Gili, Barcelona.

_____. (2003) **Diferencias. Topografia de la arquitectura contemporánea**. Gustavo Gili, Barcelona.

Solà-Morales e Xavier C. (2005) **Metrópolis – ciudades, redes, paisajes**. Gustavo Gilli, Barcelona.

Tan, K. (2005) **Teoría de la ciudad nodal**. In SOLÀ-MORALES, Ignasi & COSTA, Xavier. *Metrópolis – ciudades, redes, paisajes*. Gustavo Gilli Barcelona:.

Virilio, P. (1996) **Velocidade e política**. Estação Liberdade, São Paulo. Trad.: Celso Mauro Paciornik

_____. (1993) **O espaço crítico e as perspectivas em tempo real**. Trad.: Paulo Roberto PiresEd. 34, . Rio de Janeiro.

Virilio, P., Lotringer S. (1984) **Guerra Pura; a militarização do cotidiano**. Trad.: Elza Miné e Laymert Garcia dos Santos. Brasiliense, São Paulo.

Vivianne, C. (1998) “**Le projet urbain, un ici et maintenant ou un nouvel ailleurs? Quelques reflexions sommaires**” in TOUSSAINT, Jean-Yves et ZIMMERMAN, Monique (dir.). *Projet urbain: ménager les gens, aménager la ville*. Paris: Pierre Mardaga Éditeur.